

JUVENTUDE RURAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

RURAL YOUTH AND SOLIDARITY ECONOMY: A LITERATURE REVIEW

Dione Costa Santos¹, Heron Ferreira Souza², Márcia Eliana Martins³

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus Serrinha*/ Estudante do curso de especialização em Inovação Social com ênfase em Economia Solidária e Agroecologia/ E-mail: dione_sha@hotmail.com.

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus Serrinha*/ E-mail: heron.souza@ifbaiano.edu.br. <https://orcid.org/0000-0003-0927-3112>

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus Serrinha*/ E-mail: marcia.martins@ifbaiano.edu.br

Recebido: 07/04/2022

Aceito: 14/04/2022

Publicado: 14/04/2022

RESUMO: O estudo buscou fazer uma revisão sistemática de literatura sobre o tema juventude rural e economia solidária, tendo como objetivos: compreender o estado do conhecimento sobre juventude rural e economia solidária, com destaque para a perspectiva das experiências formativas; identificar as principais perspectivas analíticas dos estudos e pesquisas selecionadas; destacar os principais fatores condicionantes que entrelaçam juventude rural e economia solidária; e verificar em que medida tem se dado as experiências formativas da juventude rural no âmbito do trabalho da economia solidária. A pesquisa é de caráter bibliográfico, nos moldes da revisão sistemática de literatura. Foram utilizadas como bases de dados para a pesquisa: Google Acadêmico, Scielo, Periódico Capes e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. A partir das etapas de leitura dos títulos, resumos e texto integral foram atribuídos critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos, sendo selecionados nove trabalhos no total. A análise dos textos considerou: os fatores que interferem nas articulações entre juventude rural e economia solidária, e a compreensão desta como opção ou alternativa para os jovens rurais; vivências, experiências e práticas dos jovens rurais no âmbito da economia solidária que se expressam como processos formativos; saberes e valores construídos e fortalecidos pelos jovens rurais a partir da inserção nas experiências de economia solidária. A partir dos dados analisados é possível afirmar que a família, as cooperativas, as escolas família agrícolas e os processos produtivos são vistos pelos jovens como uns dos principais aspectos que têm contribuído na interferência de permanência e sucessão dos jovens rurais.

Palavras-Chave: Juventude Rural. Economia Solidária. Processos formativos.

ABSTRACT: The study sought to carry out a systematic literature review on the theme of rural youth and solidary economy, aiming to: understand the state of knowledge about rural youth and solidary economy, with emphasis on the perspective of training experiences; identify the main analytical perspectives of the selected studies and research; highlight the main conditioning factors that intertwine rural youth and solidarity economy; and verifying to what extent the training experiences of rural youth have been taking place in the context of the work of the solidarity economy. The research is bibliographical in nature, along the lines of a systematic literature review. The following databases were used for the research: Academic Google, Scielo, Capes Journal and Digital Library of Theses and Dissertations. From the steps of reading the titles, abstracts, and full text, inclusion and exclusion criteria were assigned, with a total of nine works being selected. The analysis of the texts considered: the factors that interfere in the articulations between rural youth and solidarity economy, and the understanding of this as an option or alternative for rural youth; experiences, experiences and practices of rural youth in the context of the solidarity economy that are expressed as training processes; and the knowledge and values built and strengthened by rural youth from their insertion in solidarity economy experiences. From the analyzed data, it is possible to affirm that the family, cooperatives, agricultural family schools and productive processes are seen by young people as one of the main aspects that have contributed to the interference of permanence and succession of rural youth.

Keywords: Rural youth. Solidarity economy. Formative processes.

1. Introdução

Uma das questões que comumente envolve a discussão sobre juventudes rurais é a permanência e o êxodo rural e, conseqüentemente, como isso se relaciona com a construção da identidade dos (as) jovens rurais. É importante notar que sair ou ficar no campo perpassa muitas questões como a garantia de direitos no campo, o trabalho, o projeto de vida dos(as) jovens etc., o que nem sempre devem ser entendidas de forma compartimentada. Nesse sentido, interessamos nesta pesquisa entender como tem se dado a relação das juventudes rurais com a economia solidária, no intuito de verificar, por um lado, como a economia solidária tem se apresentado como uma opção ou alternativa aos(as) jovens rurais e, por outro, identificar como se dá essa aproximação e relação dos(as) jovens com a economia solidária.

O delineamento dessa proposta de pesquisa deu-se por uma curiosidade entrelaçada com meu espaço de vida¹ – o rural – e pelos estudos desenvolvidos no curso de Gestão de Cooperativas, no qual tive contato mais aprofundado com as temáticas cooperativismo, cooperativismo solidário e economia solidária. Em relação ao meu espaço de vida, cabe destacar que sou uma mulher jovem nascida e criada no campo, filha de lavradores rurais que, ao longo da vida, saiu do seu local de origem em busca de oportunidade de trabalho por entender que o meio rural não tinha/tem opção de trabalho. A estratégia de sair para ficar no campo, quer dizer, buscar aquilo que se faz necessário em outros espaços como forma de garantir a permanência no campo, também se relacionou à escolarização. Por isso minha história de vida também se atravessa com meu ingresso no curso superior de tecnologia em Gestão de Cooperativas.

Apesar de ter uma relação muito forte com o campo, com experiências e vivências (o trabalho coletivo de acordo com os princípios da economia solidária sem o ganho monetário como: a ajuda mútua, trocas de favores, mutirões dentre outros) baseadas nos valores da cooperação, já tinha uma visão construída de que o trabalho no campo é permeado de incertezas, um trabalho árduo, desvalorizado pela sociedade capitalista. Desde a infância foi passada uma visão que o meio rural é um local de atraso, um local sem muitas expectativas de vida e que a área urbana é um espaço de oportunidade, de emprego “digno” e de melhor condições de vida.

¹ A primeira autora utiliza-se de uma breve reflexão sobre elementos de sua narrativa de vida para justificar sua implicação e inquietação com o tema de pesquisa. Deste modo, considerando a importância desses elementos referenciais de vida e formação que aproximam a primeira autora do tema de estudo, é pertinente a forma como se dá sua “entrada” na introdução, assim como o uso da primeira pessoa do singular, sem prejuízo para o entendimento da pesquisa realizada e aqui apresentada.

Juventude rural e economia solidária: uma revisão de literatura

De algum modo, faltava-me a compreensão de que “A vida na sociedade capitalista é um palco de lutas e estas estão em todos os lugares, momentos, relações” (VIANA, 2012, p. 17). Portanto, aquilo que entendia como dificuldades não eram especificidades do campo, pelo contrário, são expressão das desigualdades, que se materializam inclusive nas cidades.

Optar por trabalhar fora não estava nos meus planos, mas foi necessário sair em busca de novas oportunidades, estar inserida no mercado de trabalho, uma vez que Serrinha não oportunizava trabalho para jovens com pouca qualificação/formação, principalmente jovens rurais, cujas dificuldades são maiores. A busca por uma vaga no *mercado de trabalho* (grifo dos autores) é uma das questões principais que leva os(as) jovens a pensarem em sair do campo, não por recusa a conviver no meio rural, mas por serem “forçados” a buscar oportunidades de trabalho e renda.

Com a implementação do Instituto Federal Baiano *Campus Serrinha* há cinco anos, como aluna do Campus -egressa do curso de Gestão de Cooperativas e atualmente estudante no curso de especialização em Inovação Social - e como mulher jovem rural, vejo mais oportunidades para os(as) jovens serrinhenses ingressarem numa instituição de ensino pública federal sem precisar se deslocar para outras cidades. Percebe-se que a Instituição trouxe novas possibilidades para o Território do Sisal, no qual vem desenvolvendo um trabalho de inclusão no que se refere aos(as) jovens rurais e juventudes, pois, um dos fatores que também contribui para a saída do campo é a busca de acesso à educação universitária nas grandes cidades. Portanto, conforme sinalizado acima, minha trajetória de vida e trabalho, relacionada com as provocações fomentadas no curso de Gestão de Cooperativas, permitiu propor esse estudo, em que ao procurar entender essa relação entre juventude rural e economia solidária será importante verificar como tem se dado essa aproximação, envolvimento, dos(as) jovens rurais com a economia solidária, e o quanto isso tem contribuído para a formação desses sujeitos.

Assim, embora haja estudos sobre juventude rural e jovens rurais, ainda há necessidade de aprofundar mais sobre o tema para que possa dar maior visibilidade, considerando que é uma temática permeada de complexibilidade e pluralidade e pouco discutida. Como nos lembram Kummer e Colognese (2013, p. 202) “[...] não há uma única juventude rural, um único modelo de jovens rurais.”. Juventude é o reflexo da pluralidade de comportamentos vivenciados por sujeitos de ambos os sexos e de múltiplas faixas etárias, transfiguradas pelo mundo afora, de diferentes

classes sociais que perpassam por um processo de migração na busca de trabalho assalariado, sendo o Nordeste a região com a maior parte de saídas destes jovens (KUMMER; COLOGNESE, 2013).

Diante da atual conjuntura econômica do Brasil, a categoria juventude é a que mais sofre com a escassez e as condições precárias do trabalho, na flexibilização dos direitos sociais e dos processos produtivos. Entretanto, essa problematização abrange todo um contexto histórico marcado pela desigualdade social e econômica de modo geral (LIBONI; HELOANI, 2016). A conjuntura atual caracteriza-se pela retomada das políticas neoliberais, o aprofundamento da crise econômica recente e suas consequências sociais, principalmente às populações das favelas e para os povos do campo, somando-se a isso o avanço da degradação ambiental, as pressões sobre os direitos sociais e trabalhistas, o avanço do desemprego, da informalidade (13 milhões de desempregados e 40 milhões de informais em 2020, segundo Dowbor (2020)) e a precarização do trabalho, inclusive com o atual fenômeno da “uberização do trabalho”¹ (ANTUNES, 2018).

Nessa perspectiva, as experiências dos grupos populares e organizações têm sido garantir suas necessidades imediatas. O que envolve também as experiências postas em curso no tocante à agroecologia, esta entendida a partir de um enfoque holístico que permite compreender a relação entre a realidade sociocultural, os processos político-econômicos e os agroecossistemas (GUZMÁN, 2001). Como afirma Bebbington (1999, p. 2 *apud* SCHMITT, 2010, p. 42), essas experiências dos grupos populares expressam um processo contínuo que busca passar da “ação instrumental – ganhar a vida –, para uma ação hermenêutica – dar sentido à vida – e para uma ação emancipatória – desafiar as estruturas através das quais se ganha a vida.”. Por isso é importante compreender se essas vivências, neste caso envolvendo os jovens rurais, no âmbito da economia solidária, têm se constituído como formativas; se tem sido potencializado o princípio educativo do trabalho associado para a construção de outros valores, saberes e práticas, deslocando a perspectiva pragmática e legítima do “ganhar a vida” (a economia solidária como alternativa) para uma perspectiva de projeto de vida (a economia

¹ Ao tomar como referência os motoristas do aplicativo Uber, Ricardo Antunes procura expressar mais do que um novo tipo de trabalho. Segundo ele, “contra a rigidez das fábricas da era do automóvel, durante o longo século XX, nas últimas décadas os capitais vêm impondo sua trípole destrutiva em relação ao trabalho: a terceirização, a informalidade e a flexibilização se tornaram partes inseparáveis do léxico da empresa corporativa. Assim, movida por essa lógica que se expande em escala global, estamos presenciando a expansão do que podemos denominar uberização do trabalho [...]. Como o trabalho on-line fez desmoronar a separação entre o tempo da vida no trabalho e fora dele, floresce uma nova modalidade laborativa que combina mundo digital com sujeição completa ao ideário e à pragmática das corporações” (ANTUNES, 2018, p. 37).

Juventude rural e economia solidária: uma revisão de literatura

solidária como opção).

Apesar dos desafios que a economia solidária enfrenta no país, mesmo com toda a diversidade dos “falsos” empreendimentos solidários implantados sob a lógica das contradições do capitalismo, esta ainda se constitui enquanto possibilidade econômica para os jovens no tocante ao trabalho e geração de renda. Entretanto, percebe-se que a juventude busca uma forma de estar inserida nesses movimentos econômicos solidários, sendo que há uma estratégia de comunicação e inserção incipiente para os jovens (LIBONI; HELOANI, 2016).

Deste modo, ao reconhecer que “[...] o programa da economia solidária se fundamenta na tese de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas cuja lógica é oposta à do modo de produção dominante” (SINGER, 2002, p. 112), justamente por fomentar outras práticas econômicas alicerçadas na ética da vida e não do capital, é importante passar da visão instrumental, pragmática, do ganhar a vida para a compreensão do caráter formativo dessa experiência do trabalho associado, sua pedagogia. De forma alguma, isso significa desconsiderar a importância da geração de renda, mas implica não perder de vista que o descuido com os princípios que alicerçam a economia solidária pode transformá-la numa mera alternativa do capitalismo, uma forma encontrada para nele subsistir.

Portanto, neste trabalho, entende-se que o movimento intitulado de “economia solidária” se refere aos(as) trabalhadores(as) que passaram a se organizar em redes de produção e comercialização, como também em complexos cooperativos e em cadeias produtivas (TIRIBA, 2009). Assim dizendo, a economia solidária representa atividades de formação produtiva e autogestionária e que vem resistindo ao modelo econômico reprodutor de desigualdades. Nesse sentido, Fischer e Tiriba (2009, p. 02-03) alertam que

As experiências históricas de autogestão revelam que, no embate contra a exploração e a degradação do trabalho, não é suficiente que os trabalhadores apropriem-se dos meios de produção. Essas práticas indicam haver a necessidade de articulação dos saberes do trabalho fragmentado pelo capital e de apropriação dos instrumentos teórico-metodológicos que lhes permitam compreender os sentidos do trabalho e prosseguir na construção de uma nova cultura do trabalho e de uma sociedade de novo tipo.

Diante do exposto, a pesquisa objetiva discutir a relação entre a juventude rural e a economia solidária, através de uma revisão sistemática de literatura que possibilita identificar estudos de um determinado tema em questão, propondo responder uma pergunta clara e objetiva através dos trabalhos selecionados (teses, dissertações, artigos etc.) que possam unir

informações encontradas no decorrer da pesquisa.

Com base nos estudos e, considerando minha trajetória de vida no campo e o que tenho visto como movimento de organização dos(as) jovens rurais em torno de experiências de trabalho com a economia solidária, me vejo instigada a identificar nas pesquisas e estudos já realizados como tem se dado as experiências formativas para e com a economia solidária e de que forma essas experiências podem ou têm contribuído na formação desses sujeitos. Assim, diante de tais questões que envolvem a problematização, foi construída a seguinte pergunta para o processo de investigação: Em que medida os estudos e pesquisas sobre a relação entre juventude rural e economia solidária têm abordado aspectos referentes às experiências formativas?

Deste modo, tem-se por objetivo compreender a relação entre juventude rural e economia solidária, com destaque para a perspectiva das experiências formativas. Para tanto, tem-se os seguintes objetivos específicos: i) identificar as principais perspectivas analíticas dos estudos e pesquisas selecionados; ii) destacar os principais fatores condicionantes que entrelaçam juventude rural e economia solidária; e iii) verificar em que medida tem se dado as experiências formativas da juventude rural no âmbito do trabalho na economia solidária.

2. Aspectos metodológicos

O presente estudo contempla uma abordagem qualitativa que busca investigar questões sociais na construção de um determinado fenômeno. De acordo com Minayo (2007), a pesquisa qualitativa é a ciência que estuda, principalmente, a parte prática e teórica de uma situação real de interesse do pesquisador. A pesquisa é de caráter exploratório. Procura estabelecer uma visão aproximativa acerca do fenômeno estudado, considerando que o tema escolhido é pouco estudado e buscando delinear o problema de forma mais precisa para pesquisas futuras (GIL, 2002).

Diante do exposto, a revisão sistemática de literatura constitui-se como momento crucial para aprofundar o conhecimento e ter uma visão mais precisa sobre o problema. Segundo Nascimento *et al.* (2019), pode-se dizer que a revisão sistemática (RS) é o estudo que busca avaliar e analisar questões relevantes de uma pergunta-chave com o objetivo de deixar os leitores atualizados sobre um determinado tema como forma de motivação para uma pesquisa futura.

Juventude rural e economia solidária: uma revisão de literatura

Para tanto, a análise é feita a partir de estudos científicos realizados sobre o tema e disponíveis em banco de dados. Para Nascimento *et al.* (2019, p. 98) “[...] a RS estuda um objeto de maneira aprofundada, por meio de procedimentos sistemáticos e transparentes, possibilitando a síntese e análise de materiais, principalmente de artigos de alto alcance científico e social.”. Ela tem o propósito de responder a uma pergunta definida de modo objetivo utilizando métodos sistemáticos e definidos na identificação do estudo e extração dos dados e análise dos resultados.

Conforme ressaltado por Nascimento *et al.* (2019), consideramos pertinente a utilização do caminho metodológico proposto por Hoon (2013) cujas etapas foram: a definição da pergunta orientadora para a RS; a definição dos critérios de inclusão e exclusão; a extração e codificação dos dados; e a análise dos dados. Deste modo, como sinalizado na introdução, tomou-se como pergunta orientadora desta revisão sistemática: Em que medida os estudos e pesquisas sobre a relação entre juventude rural e economia solidária têm abordado explícita ou implicitamente aspectos referentes às experiências formativas?

No que diz respeito à pesquisa dos textos, por ser um tema pouco discutido, sem muitas publicações, houve a necessidade de ampliar a busca para diferentes plataformas digitais, como o *Google Acadêmico*, *Scielo*, *Periódico Capes* e *Biblioteca Digital de Tese e Dissertações*. A seleção dos trabalhos foi realizada, inicialmente, com base na leitura do título e resumo para verificar a aderência dos textos ao problema proposto para a revisão sistemática. Foram considerados artigos, teses e dissertações ou monografias publicados de 2010 a 2020. Para a busca nas plataformas foram utilizadas as palavras-chave “juventude rural” e “economia solidária”. Como a combinação de palavras-chaves na plataforma *Scielo* não indicou resultado, optou-se por usar somente a palavra-chave “juventude rural”, conforme mostra o quadro 1.

Foram considerados como critérios de inclusão: a) as pesquisas terem como recorte analítico o tema juventude rural e economia solidária; b) trabalhos publicados entre 2010 e 2020; c) ser artigo ou trabalho de conclusão de curso – monografia, dissertação ou tese; e d) os textos estarem integralmente disponíveis nas plataformas.

Como critérios de exclusão foram considerados: a) textos repetidos; b) os trabalhos não apresentarem dados empíricos e tratarem exclusivamente de revisão de literatura ou teórica; c) os trabalhos não abordarem de forma implícita ou explícita experiências formativas (formal ou não formal) dos(a)s jovens rurais no âmbito da economia solidária. Inicialmente, a busca considerou

o título dos trabalhos e, depois, a leitura dos resumos dos trabalhos escolhidos nesta etapa. Após a leitura dos resumos, aqueles trabalhos selecionados foram lidos integralmente, observando os conceitos que relacionam o problema abordado no estudo. Após essas etapas, sobraram nove trabalhos para serem analisados.

Quadro 1. Banco de dados da seleção dos artigos

Bases de dados	Palavras-chave	Filtros	Trabalhos localizados (Data da pesquisa)	Excluídos, após a leitura de título e resumo	Excluídos, após a leitura completa	Selecionados
Google acadêmico	"juventude rural" and "economia solidária"	Período de 2010-2020, Artigos e teses/dissertações	969 (27/05 a /01/06/2021)	963	1	5
SciELO	"juventude rural" ²	Português Brasil	17 (26/05/2021)	16	–	1
Periódico Capes	economia solidária and juventude rural	Artigo (não foram considerados os livros)	54 (08/05/2021)	53	–	1
Biblioteca digital de teses e dissertações	economia solidária and juventude rural	Busca avançada	10 (22/05/2021)	7	1	2
Total de trabalhos				11	2	9

Elaboração: Autora Dione Costa Santos, 2021.

A caracterização dos trabalhos selecionados foi feita a partir de dados gerais, como autores, título, palavras-chave, tipo de estudo e técnica de coleta de dados, local da pesquisa e participantes. Em seguida, iniciou-se a extração dos dados dos trabalhos selecionados, a saber: i) objetivos; ii) fatores que condicionam a relação entre a juventude rural e a economia solidária; iii) síntese dos resultados: vivências e práticas; iv) síntese dos resultados: saberes e valores; v) síntese geral dos resultados do trabalho.

A organização dos dados coletados permitiu analisar o conjunto de informações, identificando os pontos convergentes e divergentes, as evidências teóricas e empíricas de acordo com o problema e objetivos estabelecidos para este estudo (HOON, 2013 *apud* NASCIMENTO *et al.*, 2017).

3. Resultados e análise dos dados

No Quadro 2 é apresentada a caracterização de cada trabalho selecionado para esta pesquisa. As pesquisas tiveram como sujeitos jovens rurais e foram realizadas nas seguintes regiões do Brasil: Centro-oeste (2 trabalhos); Sul (5 trabalhos), Nordeste (1 trabalho) e Sudeste (2 trabalhos).

Liboni e Heloani (2016); Rubenich (2017); Boessio e Doula (2016); Kestring *et al.* (2020); Drebes e Spanevello (2017) e Soares (2011) tomam as cooperativas como lócus da pesquisa. Novais *et al.* (2016) e Sguarezi (2018) têm como lócus de suas pesquisas os assentamentos rurais e apenas Ulrich (2010) teve como referência central o espaço escolar, ao tratar da formação de jovens em um curso técnico agropecuário.

Todos os trabalhos, a partir de suas particularidades, tiveram como recorte analítico e sujeitos da pesquisa os(as) jovens rurais, mas alguns abarcaram também a relação dos(a)s jovens com as famílias/pais (LIBONI; HELOANI, 2016; RUBENICH, 2017; BOESSIO; DOULA, 2016; ULRICH, 2010), com os(as) gestores(as) das cooperativas (BOESSIO e DOULA, 2016; KESTRING *et al.*, 2020), cooperados(as), representantes das cooperativas (BOESSIO; DOULA, 2016; DREBES; SPANEVELLO, 2017) e também a relação dos(as) jovens rurais com a educação para o cooperativismo a partir da perspectiva escolar (ULRICH, 2010).

Embora os trabalhos tenham sido desenvolvidos em regiões diferentes, foi possível identificar alguns pontos convergentes entre eles. Alguns abordaram a questão da juventude e a sucessão rural nos empreendimentos solidários (DREBES; SPANEVELLO, 2017; KESTRING *et al.*, 2020; SOARES, 2011). Outros buscaram compreender e refletir as vivências e experiências dos participantes no empreendimento solidário (LIBONI; HELOANI, 2016; NOVAIS *et al.*, 2016), bem como analisar as percepções e os desafios da inserção dos(as) jovens na economia solidária (RUBENICH, 2017; DREBES; SPANEVELLO, 2017). Além disso, também foi discutido o incentivo das instituições sociais e família sobre a permanência dos(as) jovens no campo (BOESSIO; DOULA, 2016; KESTRING *et al.*, 2020). De forma mais particular, destacam-se as percepções construídas pelos(as) jovens a partir do programa juventude cooperativista (ULRICH, 2010) e as reflexões construídas no processo de sistematização dos projetos produtivos (SGUAREZI, 2018).

Quadro 2: Caracterização dos trabalhos selecionados.

Autores / Tipo	Título	Palavra-chave	Tipo de estudo / técnica de coleta	Local	Participantes
Liboni e Heloani (2016) / Artigo	Juventude Rural, Trabalho e Identidade: a experiência de participação em empreendimento rural de economia solidária.	Identidade, Economia Solidária, juventude rural	Pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e acompanhamento das Assembleias da Cooperativa	Cooperativas de Nova Tebas, Município paranaense	Filhos/as (jovens) Pais (adultos)
Novais <i>et al.</i> (2016) / Artigo	A economia solidária como uma forma de promoção da juventude do campo.	Desenvolvimento Rural, Juventude Rural, Economia Solidária	Observação Participante/etnográfica. Foi relatada por meio diário de campo e entrevista.	Assentamento Cunha na cidade Ocidental em Goiás.	Jovens do assentamento
Rubenich (2017) / Monografia	A sustentabilidade Socioeconômica e os Desafios da Inserção da Juventude na Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (COOPAN)	Cooperativismo; Sustentabilidade; Socioeconômico; Juventude Rural.	Estudo de caso através de pesquisa exploratório-descritiva; pesquisa bibliográfica e documental; com abordagem qualitativa. Caracterização do município e o assentamento de origem, histórico de sua constituição; questionário e Dados Contábeis;	Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita/RS.	Juventude Rural
Boessio e Doula (2016) / Artigo	Jovens Rurais e Influência Institucional para a Permanência no Campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro.	Juventude rural; reprodução social; instituições sociais.	Qualitativo do tipo exploratória desenvolvida em estudo de caso. Coleta de dados: entrevistas;	Triângulo Mineiro/Rio Paranaíba/ MG.	Jovens filhos/as de cooperados, famílias cooperadas, membros da direção, cargos de gestão e colaboradores da cooperativa;
Kestring <i>et al.</i> (2020) / Artigo	O programa Juventude Cooperativista e sua Relação Voltada a Sucessão Rural na Agricultura Familiar	Jovens, unidade familiar, rural	Quali-quantitativo; natureza aplicada; pesquisa exploratória e descritiva; procedimentos: revisão de estudo de caso; literatura Questionário aberto e semiestruturado; a sistematização de dados foi realizada com o programa IBM – SPSS, também com auxílio Microsoft Excel; figuras e quadros, comparados com a bibliografia consultada.	São Miguel do Iguazu - PR	Jovens e a gestora do programa juventude cooperativista
Ulrich (2010) / Dissertação	Educação para o Cooperativismo: Melhorando as Práticas Sociais e o Desenvolvimento Regional.	Cooperativismo; Economia Solidária; Ensino Profissionalizante em Agropecuária	Entrevista através de questionário diagnóstico (dados pessoais, diagnóstico e formação), pesquisa história oral	Seropédica RJ, setembro Campus sertão/RS	Alunos/as do curso Técnico Agropecuária

Juventude rural e economia solidária: uma revisão de literatura

Drebes e Spanevell o (2017) / Artigo	Cooperativas Agropecuárias e o Desafio da Sucessão Na Agricultura Familiar	Juventude rural, reprodução social, migração, assistência técnica.	Os dados foram coletados através da técnica de entrevista com roteiro semiestruturado	Alto Jacuí-Rio Grande do Sul	Jovens agricultores/as cooperados/as e/ou filhos/as de agricultores/as cooperados/as considerados sucessores ou prováveis sucessores dos 8 estabelecimentos agropecuários familiares e representantes das cooperativas
Sguarezi (2018) / Artigo	Economia solidária e agroecologia: juventude camponesa e projetos produtivos em assentamentos de reforma agrária	Economia solidária. Construção participativa. Agroecologia . Projetos produtivos.	Pesquisa qualitativa embasada na pesquisa-ação. Como ferramentas foram empregadas a Pesquisa documental; Diagnóstico Rápido Participativo (DRP); Elaboração e leitura dos diagnósticos coletivos das comunidades; Entrevistas e questionários e a participação durante as atividades de Tempo escola (TE) e Tempo comunidade (TC).	Assentamento Antônio Conselheiro, no estado do Mato Grosso; 40 estudantes de três comunidades: Chê Guevara; Marechal Rondon e Paulo Freire.	Juventude camponesa Estudantes residentes em assentamentos
Soares (2011) / Dissertação	A inserção de jovens rurais na economia solidária na perspectiva do desenvolvimento local: a experiência da Cooperativa de Adolescentes e Jovens do Setor de Artesanato do Meio Rural, do município Ouricuri, Pernambuco	Juventude Rural, Economia Solidária e Desenvolvimento Local	Estudo de caso, análise, observação participante, extração de coleta de dados (questionários padronizados da pesquisa documental e entrevista semiestruturada).	Cooperativa do Setor de Artesanato do Meio Rural, do município Ouricuri, Pernambuco.	Adolescentes e Jovens rurais

No tocante aos resultados encontrados, pode-se destacar:

i) a cooperativa supre as necessidades de sobrevivência e melhoria de condições de vida das famílias dos(as) cooperados(as). Deste modo, tanto os pais quanto os(as) filhos(as) vêm na cooperativa uma alternativa de futuro que possa garantir a permanência dos(as) jovens em seu local de origem (LIBONI; HELOANI, 2016; SOARES, 2011). Em outros termos, o cooperativismo agropecuário é visto pelos(as) jovens como importante à produção e vida no campo (DREBES; SPANEVELLO, 2017). Os(as) jovens participam nas relações de trabalho de forma mais ativa do que nas reuniões (SOARES, 2011). Formações em cooperativismo contribuem para o trabalho dos(as) jovens nas

cooperativas e nas atividades produtivas das unidades familiares e a construção de projeto de futuro (KESTRING *et al.*, 2020) ou formações no âmbito da economia solidária a fim de potencializar as práticas autogestionárias (SOARES, 2011). Mas, formações tradicionais (engenheiro/a agrônomo/a e veterinário/a) também têm sido vistas como importante para a inserção dos(as) jovens nas cooperativas (DREBES; SPANEVELLO, 2017). Contudo, a qualidade de vida e lazer no campo e a eficiência econômica da cooperativa ainda se apresentam como desafio (RUBENICH, 2017). Jovens vislumbram o meio rural com acesso à tecnologia, com conforto e uma certa estabilidade e qualidade de vida, um rural com acesso a tudo que possa ter direito (BOESSIO; DOULA, 2016).

ii) A ausência de direitos básicos em assentamentos rurais tende a influenciar a saída do rural e da casa dos pais. Em geral, são destacadas carências como transporte coletivo, serviços de saúde, acesso a escolarização regular no campo, atividades culturais, oportunidades de renda e trabalho (NOVAIS *et al.*, 2016; KESTRING *et al.*, 2020). “Embora seja recorrente um sentimento de pertencimento com a terra, sentimento de pertença familiar e uma visão do rural como lugar tranquilo” (BOESSIO; DOULA, 2016, p. 380).

iii) Outro aspecto importante apontado é que as instituições sociais, a família e a comunidade contribuem na construção das percepções dos(as) jovens sobre o rural. Considera-se também que as instituições sociais podem influenciar no estímulo ou desestímulo dos projetos de vida dos(as) jovens no rural e nesses casos os incentivos das famílias em torno das atividades produtivas podem não ser suficientes para a permanência dos jovens no campo (BOESSIO; DOULA, 2016). A relação dos(as) jovens com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por exemplo, tende a contribuir com vivências no tocante ao trabalho coletivo. (SGUAREZI, 2018).

Os trabalhos analisados, em geral, demonstraram a importância da família, movimentos sociais, processos produtivos, escolas família agrícolas e dos projetos de extensão e pesquisa realizados pelas universidades com os grupos produtivos, cooperativas e agricultores/as familiares para a formação da juventude e aproximação desta categoria social com a economia solidária.

No que diz respeito à permanência dos(as) jovens no meio rural e a relação com a economia solidária, tanto a família como a cooperativa têm se constituído fatores fundamentais

Juventude rural e economia solidária: uma revisão de literatura

na contribuição de incentivo à permanência juvenil. A família vem incentivando os(as) jovens a dar continuidade nas atividades familiares e na cooperativa a fim de poder gerar renda própria sem a necessidade de sair do seu local de origem à procura de trabalho.

Além disso, a cooperativa e a família têm estimulado a participação dos(as) jovens nos processos educativos e de produção. Por sua vez, a cooperativa tem dado oportunidade de estudos oferecendo cursos técnicos onde os(as) jovens têm buscado formação e informação de modo a compartilhar conhecimentos adquiridos entre gerações e contribuir na valorização do trabalho local (LIBONI; HELOANI, 2016; RUBENICH, 2017; BOESSIO; DOULA, 2016; ULRICH, 2010; SOARES, 2011). Como mostra Drebes e Spanevello (2017), para os(as) jovens se manterem no campo é fundamental o apoio da família e as ações da cooperativa, além de gostarem da atividade.

Ademais, alguns jovens participantes das pesquisas relataram que já são atuantes nas propriedades familiares como sucessores(as) dos pais, outros(as) pretendem sucedê-los(as). Quanto ao trabalho nas unidades produtivas familiares como também na cooperativa, os(as) jovens consideram as atividades rurais tranquilas de trabalhar e têm vontade de continuar no meio rural. Outros dizem que não tem vontade de ficar no campo e dar continuidade nas atividades dos pais, pois acham a vida urbana mais atrativa.

De modo específico, os(as) jovens têm participado de atividades produtivas das cooperativas como plantio de arroz, produção leiteira, criação de suínos, processo de transição nas produções de aves, projetos produtivos, além de atividades de serviços como assistência técnica, comercialização, inclusive em feiras livres, e nas atividades de tomadas de decisões, dentre outros. Do mesmo modo, algumas propriedades destes(as) jovens têm fomentado a cultura do milho, da soja e do fumo, isto é, trabalho desenvolvido de forma individual nas propriedades familiares (KESTRING *et al.*, 2020).

As organizações sociais têm desenvolvido ações que buscam auxiliar na sucessão no meio rural, quer dizer, buscando ressignificar com os jovens o viver e produzir no campo através de esporte, recreação, teatro, palestras, seminários, projetos, reuniões, cursos técnicos e profissionalizantes, curso de capacitação, viagens técnicas, treinamento, formação e informação, práticas agroecológicas, participação em tomadas de decisões, festa de agricultor, bailes, concursos de beleza, entre outros. São ações que levam os jovens a buscarem experiências

práticas e teóricas ou proporcionar vivências de forma a contribuir enquanto sujeitos no desenvolvimento e fortalecimento do meio rural. Ações voltadas à economia, lazer e a ação social.

Quanto aos processos formativos escolares, os(as) jovens têm feito cursos ligados à agricultura e agropecuária. Cabe destacar os cursos superiores de medicina veterinária, educação do campo (licenciatura), engenharia em alimentos, gestão financeira e cooperativismo. Acrescentam-se os cursos nas áreas que não estão ligados às cooperativas ou a economia solidária, a exemplo das “áreas de saúde, música e ciências humanas” (RUBENICH, 2017, p. 82). Neste sentido, os processos educativos não têm só ajudado na escolarização das juventudes rurais, mas na inserção e relação dos(as) jovens com as cooperativas, a economia solidária e os processos produtivos no campo. Nesse cenário, destaca-se a função social das escolas de família agrícola por contribuírem com os(as) agricultores(as), cooperativas e comunidades a pensarem sobre problemas vividos.

De acordo com os trabalhos analisados, a relação da juventude rural com a economia solidária se dá por influência da família e dos movimentos sociais enquanto fatores de informações, mas também se dá essa aproximação como uma necessidade dos jovens e das famílias por ajudar no trabalho, bem como, fatores estratégicos para geração de trabalho e renda para suprir as necessidades de sobrevivências.

De acordo com Rubenich (2017, p. 85), a “família é um fator importante para a permanência dos jovens no campo”, pois, incentiva a participação e continuidade destes na cooperativa através de apoio, conselhos e orientações sobre “a qualidade de vida na cooperativa e o trabalho em família, contando a história de conquista da cooperativa e com muito diálogo diário em família (Ibidem)”. Além disso, para os jovens, a permanência na cooperativa seria uma forma de continuidade daquilo que os pais conseguiram conquistar e, também, uma forma de ter renda (RUBENICH, 2017).

A este respeito, os autores dos trabalhos pesquisados afirmam que aqueles que não participam oficialmente das cooperativas, “mantém contato com os acontecimentos” por meio de conversas ou atividades como viagens (LIBONI; HELOANI, 2017, p. 73). Já em relação aos estudos, “muitos jovens seguem seus estudos em áreas que podem ser contempladas nas atividades realizadas pela cooperativa”; têm seus estudos disponibilizados por “sua inserção em movimentos sociais”, além do que a maioria pretende continuar estudando (RUBENICH, 2017, p.

Juventude rural e economia solidária: uma revisão de literatura

82). Quanto ao trabalho rural, para Rubenich (2017, p. 89), há “falta de vontade por parte dos próprios jovens em relação ao trabalho no meio rural” e um dos participantes de sua pesquisa ressaltou que “é mais fácil ir para a cidade e ser empregado, pois a maioria das famílias não tem como investir, faltam investimentos também.”. No tocante a experiência profissional, outro jovem entrevistado afirma que foi “na cooperativa que ele aprendeu uma profissão e que as pessoas reconhecem esse ofício e que ele se reconhece também”. Ressalta-se que a fala do jovem traz “uma valorização do trabalho na cooperativa” (SOARES, 2011, p. 68).

Para além disso, Ulrich (2010) também destaca tal questão em que os(as) jovens estão vinculados a cooperativa por ter a oportunidade de estocar e vender os seus produtos, além de ter um vínculo de trabalho e estudantil, o acesso ao crédito, bens e consumo, assim como conhecer o sistema cooperativista e poder acreditar nos seus princípios, participar da experiência do cooperativismo solidário de forma a suprir as necessidades de melhorias econômica, ajuda mútua. Além disso, tem sido uma forma de colaborar na sucessão dos jovens rurais. Como afirma Ulrich (2010, p. 35), “do total da amostra, 42,5% diz ter se vinculado a cooperativas por acreditar nos princípios cooperativistas [...] e 37,5% para obterem acesso facilitado ao crédito.”. É preciso considerar que a pesquisa possibilitou a escolha de mais uma opção para justificar o vínculo com a cooperativa. Porém, como o autor destacou, as pessoas associam-se a uma cooperativa quando “possuem necessidades comuns e [interessam-se por] obterem ajuda mútua em seus interesses, com vistas à eliminação de intermediários, a satisfação de suas necessidades e a obtenção de melhorias em sua situação econômica” (ULRICH, 2010, p. 35).

Também podemos destacar fatores que têm contribuído na permanência dos(as) jovens (participantes do programa juventude Cooperativista) nas propriedades rurais como ter a oportunidade de ser dono do próprio negócio, trabalhando com que gosta, gerando renda, qualidade de vida e segurança, além de buscar diversidade nas atividades do meio rural. Conforme ressaltam Kestring *et al.* (2020),

Para se manter nas atividades do meio rural, na maioria das vezes é necessário buscar diversificação da mesma, bem como a pluriatividade, ou seja, buscar um desenvolvimento rural e para que isso aconteça juntamente com a permanência do jovem no campo, é necessário estimular o jovem a colocar em prática o que aprende fora da propriedade, dar autonomia ao mesmo, para que se sinta motivado e livre a continuar no campo buscando ter uma melhor qualidade de vida e mantendo a unidade familiar (KESTRING *et al.*, 2020, p. 23).

Já Sguarezi (2018) destacou em seu trabalho o desenvolvimento de projetos produtivos com a participação da juventude camponesa e que buscou atender as três comunidades do Assentamento Antônio Conselheiro: Chê Guevara; Marechal Rondon e Paulo Freire. De acordo com o referido autor, foi através do protagonismo da juventude camponesa que se pensou na formação e valorização como propostas nos processos produtivos possibilitando a compreensão desse modelo de organização de autogestão baseado nos princípios solidários (SGUAREZI, 2018). Os projetos tiveram como objetivos incentivar a inserção da juventude camponesa nas comunidades, como também, gerar emprego e renda para o desenvolvimento local, além de fomentar o trabalho coletivo. Contudo, como já destacado, o fortalecimento da relação dos jovens com o trabalho associado tem condicionantes que são perpassadas pela família, pelo grupo que compõem as organizações sociais e produtivas etc.

De modo geral, os(as) jovens também destacaram a construção e o fortalecimento dos saberes e valores no cooperativismo. Sendo um dos pontos importantes para o desenvolvimento local, qual seja, como o trabalho coletivo realizado nas cooperativas, e o individual, atividades produzidas nas propriedades familiares. Assim como a cooperação e ajuda mútua entres os(as) jovens e pais cooperados(as) onde são compartilhados novos conhecimentos e experiências entre gerações dimensionadas pelo trabalho nos empreendimentos solidários. Desta forma, como afirmam Liboni e Heloani (2015, p. 73-74), é “a troca de conhecimentos entre as gerações. Os pais transmitem os valores e conhecimentos aos filhos, e estes os ressignificam por meio dos novos conhecimentos adquiridos, que, por sua vez, são também transmitidos aos pais” (LIBONI; HELOANI, 2015, p. 73 e 74).

De acordo com os trabalhos analisados, os(as) jovens veem os empreendimentos solidários/cooperativas como uma alternativa de trabalho que dá oportunidade de gerar renda, além de continuar os estudos, e isso tem gerado em alguns/algumas jovens o desejo de continuarem no campo e nos trabalhos produtivos. Acrescenta-se que os empreendimentos solidários / cooperativas, de modo geral, podem ser vistos como importante espaço e agente de formação para os (as) jovens rurais.

4. Considerações finais

O estudo realizado teve como objetivo compreender a relação entre juventude rural e a economia solidária, destacando as perspectivas das experiências formativas. Identificaram-se ainda as principais perspectivas analíticas dos estudos e pesquisas selecionados, além de destacar os principais fatores condicionantes que entrelaçam juventude rural e economia solidária, verificando em que medida tem se dado as experiências formativas da juventude rural no âmbito do trabalho na economia solidária.

Diante dos objetivos postos para essa revisão sistemática de literatura é possível afirmar que a família e os processos produtivos são tratados pelos(as) jovens como importantes aspectos que contribuem para a permanência e sucessão pelos(as) jovens no meio rural.

Em alguma medida, foi possível perceber, nos trabalhos analisados, a vontade dos(as) jovens de permanecerem no campo e dar continuidade às atividades nas propriedades familiares e na cooperativa. Mas para isso, só os estímulos e incentivos dos empreendimentos e de familiares não bastam. É preciso haver o fomento e efetivação de políticas públicas voltadas às juventudes rurais, processos formativos e educativos, inclusive atrelados aos fundamentos, princípios e práticas da economia solidária.

Entende-se que a família e as cooperativas têm sido responsáveis pelo envolvimento dos(as) jovens com a economia solidária. Isso tem contribuído nos processos de formação do trabalho, tendo os movimentos solidários como uma alternativa de melhores condições de vida.

Embora tenham sido encontrados poucos trabalhos que versam sobre o tema juventude rural e economia solidária, os resultados apontam pistas importantes sobre os desafios enfrentados pelos(as) jovens rurais para se inserirem nos processos produtivos e permanecerem no campo, assim como a importância dos processos formativos atrelados à economia solidária nos espaços escolares, movimentos sociais e espaço de trabalho associado, mas não se pode desconsiderar os desafios e ou possibilidades apresentados às cooperativas concernentes às novas formas de sociabilidades dos(as) jovens mediadas pelos avanços tecnológicos. Aspectos que precisam ser investigados no contexto da juventude rural do semiárido.

5. Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOESSIO, Amábile Tólio; DOULA, Sheila Maria. Jovens rurais e influências institucionais para a permanência no campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 3, p. 370-383, jul./set. 2016.
[https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.3\(02\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.3(02)).
- DOWBOR, Ladislav. Aos trancos e barrancos, o Brasil diante da crise. **Le Monde Diplomatique Brasil** – 29.04.2020. Link: <https://diplomatique.org.br/aos-trancos-e-barrancos-o-brasil-diante-da-crise/>
- DREBES, L. M.; SPANEVELLO, R. M. Cooperativas agropecuárias e o desafio da sucessão na agricultura familiar. **Holos**, Ano 33, Vol. 02. 2017. DOI:
<https://doi.org/10.15628/holos.2017.4210>
- DUNKEL, Joel Luis.; RATTO, Cleber Gibbon. Juventudes, trabalho e modos de cooperação: por uma ética da hospitalidade. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, V. 30, n. 1, p. 335 – 354, jan./ jun. 2013. Link: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3526/2235>
- FISCHER, Maria Clara; TIRIBA, Lia. **Saberes do trabalho associado**. Economia. Coimbra: Editora Almedina, 2009, (ISBN 978-972-40- 722-6).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent. Porto Alegre**, v.2, n.1, jan./mar.2001. Link:
<http://www.emater.tche.br/site/sistemas/administracao/tmp/984142538.pdf>
- KESTRING, Karina *et al.* O programa juventude cooperativista e sua relação voltada a sucessão rural na agricultura familiar. **Revista Thêma et Scientia** – Vol. 10, no 1, jan/jun 2020. Link:
<http://www.themaetscientia.fag.edu.br/index.php/RTES/article/view/1171>
- KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude Rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**. V. 20, N. 39, 2013. DOI: <https://doi.org/10.48075/rtc.v20i39.9817>
- LIBONI, Maria Therezinha Loddi; HELOANI, José Roberto. Juventude rural, trabalho e identidade: a experiência de participação em empreendimento rural de Economia Solidária. PR/SP, **Otra economia**. V. 10, N. 18, 64-76, 2016. DOI:
<https://doi.org/10.4013/otra.2016.1018.06>
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora) GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa social teoria, método e criatividade**. 26. ed. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. ISBN 978-85-326-1145-1.
- NASCIMENTO, Daniel Teotônio de *et al.* O Movimento da Tecnologia Social: uma Revisão Sistemática de seus Elementos Estruturantes entre 2007 e 2017. **Desenvolve**: Revista de Gestão do Unilasalle. v. 8, n. 3, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/desenv.v8i3.4784>.
- NOVAIS, Tatiana Oliveira *et al.* A economia Solidária como uma forma de promoção da

Juventude rural e economia solidária: uma revisão de literatura

juventude no campo. **Com. Ciências Saúde**. 2016; 27(3):223-230. Link:
https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/periodicos/ccs_artigos/economia_solidaria_forma_promocao.pdf

RUBENICH, Indiane Witcel. **A Sustentabilidade Socioeconômica e os Desafios da Inserção da Juventude na Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (Coopan), Nova Santa Rita (Rs)**. Laranjeiras do Sul 2017. Orientador: Pedro Ivan Christoffoli. 2017. 101 f. Monografia (Ciências Econômicas) – Universidade Federal Fronteira do Sul, Laranjeiras do Sul, 2017.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária** / Paul Singer – 1ª ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SCHIMITT, Cláudia Job. **Economia solidária e agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis**. IPEA, 2010.

SGUAREZI, Sandro Benedito. Economia solidária e agroecologia: juventude camponesa e projetos produtivos em assentamentos de reforma agrária. **Guaju**, v.4, n.1, p. 25-42, 2018.
<https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/58651>

SOARES, Sabrina Kelly Nogueira Falcão. **A inserção de Jovens Rurais na Economia Solidária na Perspectiva do Desenvolvimento Local: A experiência da Cooperativa de Adolescentes e Jovens do Setor Artesanato do Meio Rural, do município de Ouricuri**. Orientador: Paulo de Jesus. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, 2011.

ULRICH, Elisane Roseli. **Educação para o cooperativismo: melhorando as práticas sociais e o desenvolvimento regional**. Orientador: Cezar Augusto Miranda Guedes, 2010. 77 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VIANA, Nildo. **Juventude, trabalho e projeto de vida**. GT 05: Juventude, trabalho e emprego. Seminário Internacional na Contemporaneidade. Goiás, Nov, 2012.

Licença:



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)